



Desporto, corpo e estética – sinais de expressão da cultura contemporânea ocidental

Teresa Oliveira Lacerda

(FCDEF-UP)

Paula Queirós

(FCDEF-UP)

É muito pela forma, pela aparência que percebemos as coisas, que elas se nos dão, nos impressionam. É frequente não estarmos receptivos, disponíveis para sentirmos as formas e ficarmos-nos pela impressão sensorial que nos assalta os sentidos, nomeadamente a visão e a audição. Na sociedade ocidental contemporânea o sentido da visão é privilegiado relativamente a todos os outros. A imagem, projectado pelo corpo de cada um, funciona como o cartão de visita através do qual nos apresentamos aos outros. Mas, qualquer forma é sempre mais do que o efeito que consegue produzir sobre os nossos órgãos dos sentidos; o Homem não é fragmentário e a percepção dum forma inscreve-se também no plano da sensibilidade. Sensorialidade e

sensibilidade confluem para uma dimensão que se vem convertendo num traço fundamental da cultura ocidental contemporânea: a dimensão estética (Lacerda, 2002).

O desporto encontra no corpo o seu suporte material mais importante, funcionando, não raras vezes, como a roda do oleiro para o barro: a corrida desenfreada aos locais de prática de actividades físicas e desportivas permite, de algum modo, desenhar, modelar, reconstruir o corpo à imagem e semelhança dos estereótipos mais apreciados socialmente. Esta motivação faz correr multidões de homens e mulheres atrás de uma ideia de beleza, que se impõe de forma mais acentuada quando conjugada no feminino. A falta de identificação com o próprio corpo prende-se com o facto de ele se afastar frequentemente do modelo ideal que perseguimos, já que a sociedade, esteticamente repressiva a este nível, pede um determinado tipo de constituição corporal (Garcia, 1998). A magreza é o padrão corporal dominante desejado nas sociedades contemporâneas. Tudo isto é bem mais evidente ao nível do sexo feminino, colocando a mulher num estado de permanente ‘insegurança corporal’ que se manifesta ao nível da auto-estima. Os modelos propostos, acompanhados de promessas de que se conseguem alcançar se se quiser, contribuem para o aumento de conflitos com o próprio corpo, que passa a ser perspectivado como algo diferente do *eu*, caindo-se por vezes em situações patológicas de cura difícil. Cada vez se experimenta mais cedo a ansiedade sobre as formas corporais e sobre o peso, resultando isto num aumento de desordens alimentares, de situações de anorexia e bulimia, de sobre-treino, entre outras. Todas estas formas não são mais do que tentativas de lutar por uma segurança e uma estabilidade numa sociedade que, apesar de ser plural, se revela ambígua a este nível.

Actualmente, há um número significativo de jovens que se sentem infelizes nos seus próprios corpos (Álvarez e Monge, 1997; Trigueros *et al.*, 1999). Giddens (1997, p.100) refere mesmo que actualmente “é uma coisa arriscada ser mulher. A construção de uma auto-identidade e de um corpo ocorre no quadro de uma cultura de risco”. Alicerçada na razão estética, esta construção toca o social, o político, o cultural, o existencial. Verificamos que neste fim de século se assiste a uma *coisificação* do corpo onde importa sobretudo a sua forma. Mas o corpo é mais do que uma simples forma reflectida por um espelho. É ou não é aquilo que gostaríamos que fosse (Garcia, 1998).

O corpo ocupa pois um lugar muito alto na hierarquia axiológica dos tempos contemporâneos. Nos meios de comunicação social, mais explicitamente através da publicidade, apela-se a um modelo estético de corpo: alto, magro, jovem. É necessário aparentar dinamismo,

beleza, desportivismo, ser *sexy* e atraente. O corpo não é só o que temos mas também o que somos, um instrumento e um objecto de prazer que nos identifica e nos facilita ou dificulta a relação com os outros. Daí que, numa sociedade onde muitas vezes predomina o parecer sobre o ser, o cuidado e o cultivo do corpo ocupam um lugar privilegiado (Gervilla, 1997). Este cuidado chega a transformar-se num verdadeiro culto e obsessão do corpo, já que em época alguma constituiu tal objecto de atenção, de trabalho, de protecção e de reparação (Lipovetsky, 1990). Parece que o corpo que temos não passa de um ‘corpo rascunho’ (Le Breton, 1999) e que, por isso mesmo, está sempre em situação provisória, sujeito a qualquer intervenção que o aproxime da ‘obra final’, que na maioria dos casos teima em não aparecer. Tal é a luta no sentido de atingir determinado tipo de corpo, que Sousa Santos (1997) considera que todas estas práticas se constituem para os indivíduos de hoje como um verdadeiro ‘segundo turno de trabalho’.

A valorização da imagem corporal está na moda e é lucrativa ou, como afirma Baudrillard (1993, cit. por Cunha e Silva, 1995, p.22) o corpo "(...) habita um território que tem "a moda por emblema". O desporto surge frequentemente como uma forma de caucionar este constrangimento, e disso é exemplo a corrida aos locais onde se praticam actividades físicas e desportivas. Como refere Soares(1998) no artigo *Em busca do corpo perfeito*, "em nome da ideia de um corpo belo e saudável, aumenta vertiginosamente o número de frequentadores de ginásios e de consultas a médicos dietistas. Os portugueses não escapam a este culto, que por todo o mundo ocidental faz correr milhares de homens e mulheres atrás de uma ideia de beleza, que tornou a elegância um sinónimo de magreza e a saúde um princípio do desporto". Sabemos, no entanto, que o que move as pessoas para a prática desportiva não são tanto os motivos de saúde mas sobretudo as questões estéticas, as questões da forma. O desejo de aproximação das linhas e dos contornos do corpo às formas estereotipadas de outros corpos traduz, provavelmente, mais do que uma carência de forma, talvez uma carência de ser. Os argumentos estéticos revelam e remetem para problemáticas que se situam ao nível dos valores, dos comportamentos, das percepções, dos sentimentos, no fundo da dimensão teleológica do Homem.

Travaillot (1998) sugere três períodos diferentes, demonstrativos de algumas alterações no modo de perspectivar o corpo, relativamente às suas ligações com as actividades físicas. No início dos anos sessenta, novos modelos e novos valores começam a ser introduzidos na sociedade. As estruturas sociais são alteradas. Valores associados ao aumento dos tempos livres e à juventude colocam em causa os modos de pensar incitando os indivíduos a prestar doravante

mais atenção aos seus corpos. Aumentam as preocupações com a saúde, a beleza e a higiene. Os exercícios físicos são progressivamente utilizados, essencialmente com finalidades de saúde. A partir do fim da década, o olhar dirigido ao corpo, acentua-se ainda mais. A colocação em causa da sociedade e dos seus valores dominantes provoca uma diversificação de representações e de práticas corporais, já que a libertação do indivíduo, ponto fundamental da década de sessenta, também passa pela libertação do seu corpo. A figura magra tende a impor-se como modelo. Paralelamente, as práticas ao serviço da saúde desenvolvem-se, e os exercícios físicos com vocação higiénica e de saúde marcam a sua importância.

Com os anos oitenta, o interesse com o corpo toma proporções jamais atingidas nos períodos anteriores, aparecendo o conceito de ‘forma’ como o elemento marcante deste período. Os meios de comunicação social difundem-no largamente. “Um número considerável de indivíduos deseja ‘estar em forma’ e encontra à sua volta um conjunto enorme de produtos, métodos, fórmulas diversas que se propõem a ajudá-los nessa ‘empreitada’” (Travaillot, 1998, p.212). Este conceito de forma, a procura da beleza e a procura da saúde tendem a ser confundidas. Estar em forma, é estar simultaneamente de boa saúde e ter ‘bom ar’, boa aparência, que será reveladora do estado geral do indivíduo. Beleza corporal e saúde são associadas no conceito ‘forma’, que é preciso conquistar, gerar, ou seja, cada indivíduo é o seu responsável. Está aqui bem patente a intervenção de cada um na conquista do seu próprio corpo. Novas modalidades de ginástica respondem perfeitamente a esta procura e conhecem um sucesso admirável. Esta nova forma de excelência corporal, repousa sobre o músculo, e as ginásticas que contribuem para o atingir tornam-se um ponto marcante na conjuntura da primeira metade dos anos oitenta. É a proliferação da denominada ‘vaga aeróbica’, que faz com que inúmeros adeptos afluam em direcção aos ginásios e academias. A designação de alguns desses centros, *Health Club*, aponta inequivocamente para esta indissociação do conceito de forma ao de saúde.

A partir do meio da década, há uma nova mudança. As relações entre saúde e beleza tornam-se menos evidentes. Paralelamente a uma evolução geral na sociedade, o prazer torna-se prioritário. Enquanto alguns anos mais cedo, só as ginásticas de academia apareciam como um meio incontornável de atingir a forma, agora parecem destronadas por novas técnicas que gritam bem alto a sua nova eficácia. Os exercícios físicos diversificam-se e abrandam consideravelmente o seu ritmo. Através de modalidades variadas, a preocupação corporal continua bem presente

durante todo este período, que viu colocar em cena uma verdadeira ‘sociedade do corpo’, dando lugar a uma evolução considerável das actividades físicas na nossa sociedade (Travaillot, 1998).

A tentativa de globalização da sociedade que se reflecte também numa uniformização do corpo, conduz-nos ao aparecimento de problemas graves, sobretudo nas gerações mais jovens, que resultam de uma falta de correspondência entre o corpo real e o suposto corpo ideal (a anorexia é um dos casos mais flagrantes que atinge parte dos jovens de hoje). Esta tentativa de esbater a diferença dos corpos (e dos pensamentos?) transformando-os quase em duplicações de outros corpos (clones?), anula o que cada indivíduo tem que o torna pessoa: o particular, a diferença.

Cunha e Silva (1997), numa perspectiva talvez um pouco radical, fala de ‘doença contemporânea’ quando se refere à procura de um corpo perfeito, afirmando que os ‘novos doentes’ que se prestam à cirurgia estética, fazem-no em nome de um ideal socio-estético no sentido de se normalizarem, já que neste aspecto a diferença é quase encarada como ‘deficiência’. Como faz notar Le Breton (1999), a cirurgia estética não é apenas uma metamorfose banal de qualquer carácter físico, mas sobretudo uma operação ao nível do idealizado que incidirá nas relações do indivíduo com o mundo. Com o nascimento de um novo corpo, nasce também uma nova identidade, um novo ‘estado civil’.

Estar bem no meu corpo e com o meu corpo não significa forçosamente ter um corpo igual ao do outro. Da Vinci afirmou que "o corpo é o que tem altura, largura, comprimento e profundidade" (ed. 1942, cit. por Cunha e Silva, 1995, p. 21). Se estes componentes forem diferentes sem dúvida que será possível pela forma, atingir uma singularidade, o que permitirá a cada um assumir-se como pessoa, com uma identidade própria que o distingue dos demais. É claro que não nos podemos abstrair aqui das referências sociais e culturais. São elas que marcam os tempos, as gerações, as pessoas: fazem História. Mas também sabemos que nem sempre a História é feita em favor do Homem; muitas vezes é contra o próprio Homem que a História se vai construindo, mas é também ele que tem a possibilidade de lhe inverter o rumo.

O culto do corpo, a obsessão de o construir a todo o custo para o fazer corresponder a um ideal estético, conduz à necessidade de reflectir e encontrar novas argumentações, nomeadamente ao nível da intervenção pedagógica, sobretudo numa área profissional como a nossa onde as questões do desporto, e como tal do corpo, são centrais. Os profissionais de Educação Física e Desporto terão de ser capazes de analisar o grande cenário no qual as várias experiências de

actividades físicas estão localizadas e serem capazes de retirar o que de importante existe na cultura física social, mas de modo algum perpetuar e legitimar visões hegemónicas da sociedade sobre o corpo, que não sirvam os propósitos educativos. Caso contrário a actual dissonância traduzida em estilos de vida desordenados, que têm como resultados a bulimia e a anorexia, o treino excessivo, e a ansiedade com a forma corporal, não serão mais do que perpetuados. Alguns mitos corporais presentes na sociedade (como o ‘culto da magreza’) que tanto impacto têm ao nível das populações jovens, devem ser alvo de resistência por parte dos profissionais de Educação Física e Desporto (Queirós, 2002). As escolas, por exemplo, não podem deixar de agarrar estas oportunidades para activamente desconstruir vários aspectos da cultura física da sociedade que, ao apresentar imagens corporais idealizadas, provoca sentimentos de vergonha do próprio corpo, vergonha de si mesmo porque não se é como se ‘deve ser’. Devem as escolas, através de uma crítica cultural, ensinar diversos significados de corpos saudáveis, convidando antes a um recuo em relação à dita normalidade (Travaillot, 1998).

Apesar de um determinado grau de regulação do corpo ser inevitável e necessário, é fundamental que essa regulação não se torne opressiva. A Educação Física e o Desporto na actualidade têm um papel a desempenhar no sentido de ajudar os jovens no ganho de competências físicas necessárias para uma vida preenchida, produtiva e feliz, e no sentido de os alertar para o potencial perigo que existe em qualquer forma de regulação corporal que se possa tornar obsessiva ou compulsiva. Aqui radica o desafio para um fenómeno desportivo culturalmente relevante nos novos tempos (Kirk, 1997), que considere o princípio da alteridade e saiba reconhecer as diferenças – não só físicas, mas também culturais – expressas pelos jovens, garantindo assim o direito de todos à sua prática. Porque homens e mulheres são iguais justamente através das suas diferenças (Daolio, 1995). É necessário que na Educação Física e no Desporto se torne visível o paradigma emergente, já evidente em outras áreas, paradigma esse que é predominantemente holístico ou sistémico, visando o homem na sua globalidade enquanto ser biológico e cultural.

Pensamos que é essa a via que o Homem deve procurar, a da diferença, a de construir as singularidades que lhe permitam levar tão longe quanto possível o melhor de si mesmo, que o levem a transcender-se, a superar-se. Estes são também alguns dos princípios matriciais do desporto que nos cumpre actualizar.

Bibliografia:

- ÁLVAREZ, Lucio; MONGE, Alfonso (1997). Educación Física y Género. Una Mirada al Cuerpo en la Escuela. In Teresa Alario Trigueros & Carmen García Colmenares (Coord.). *Persona, Género y Educación*, pp.31-71. Salamanca: Amarú Ediciones.
- CUNHA E SILVA, Paulo (1995). *O lugar do corpo. Elementos para uma cartografia fractal*. Dissertação de Doutoramento. Porto: FCDEF-UP.
- CUNHA E SILVA, Paulo (1997). Anatomias Contemporâneas. In Câmara Municipal de Oeiras (org.). *Anatomias Contemporâneas*, pp.49-165. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- DAOLIO, Jocimar (1995). *Da Cultura do Corpo*. São Paulo: Papyrus Editora.
- GARCIA, Rui (1998). *Da desportivização à somatização da sociedade - análise centrada na relação do corpo com o jogo*. Lição de Síntese para Provas de Agregação. Porto: FCDEF-UP.
- GERVILLA, Enrique (1997). *Postmodernidad y educación: valores e cultura de lo jóvenes* (3ª Reimp.). Madrid: Dykinson.
- GIDDENS, Anthony (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal* (2ª Ed.). Oeiras: Celta Editora.
- KIRK, David (1997). Schooling bodies in new times: The reform of school physical education in high modernity. In J. Fernández-Balboa (Eds.), *Critical postmodernism in human movement, physical education, and Sport*, pp. 39-63. New York: State University of New York Press.
- LACERDA, Teresa (2002). *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto*. Dissertação de Doutoramento. Porto: FCDEF-UP.
- LE BRETON (1999). *L'Adieu au Corps*. Paris: Éditions Métailié.
- LIPOVETSKY, Gilles (1990). *O império do Efêmero – A moda e o seu destino nas Sociedades modernas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- QUEIRÓS, Paula (2002). *O corpo na Educação Física. Leitura axiológica à luz de práticas e discursos*. Dissertação de Doutoramento. Porto: FCDEF-UP.

QUEIRÓS, Paula, SANTANA, Paula, LACERDA, Teresa, BOTELHO GOMES, Paula (1998). A estética como um valor orientador das actividades físicas de lazer. *Actas do Congresso Internacional a Mulher e o Desporto*: 59-62. Lisboa.

SOARES, Manuela Goucha (1998). Em busca do corpo perfeito. *Revista do Jornal Expresso*, 1360: 65-70.

SOUSA SANTOS, Boaventura (1997). *Pela Mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade* (6ªed.). Porto: Edições Afrontamento.

TRAVAILLOT, Yves (1998). *Sociologie des Pratiques d'Entretien du Corps – l'évolution de l'attention portée au corps depuis 1960*. Paris: Presses Universitaires de France.

TRIGUEROS, T.; TRIGUEROS, C.; MARTÍNEZ, R.; CEPEDA, M.; COLMENARES, C.; MONGE, A. & ÁLVAREZ, L. (1999). *Identidade e Género na Prática Educativa*. Lisboa: CIDM.